

ESTUDOS DE JORNALISMO NO BRASIL: PANORAMA DOS TRABALHOS APRESENTADOS NOS ENCONTROS DA COMPÓS*

Journalism Studies in Brazil: overview of the works presented in the Compós meetings

*Estudios de Periodismo en Brasil: panorama de los trabajos
presentados en las reuniones de Compós*

**_PAULA GUIMARAES SIMOES_VERA FRANÇA
_ANA KARINA OLIVEIRA _GÁUDIO BASSOLI _LAURA LIMA
_LUCAS AFONSO SEPULVEDA _LÍVIA BARROSO _MARIA LÚCIA AFONSO
_MAÍRA LOBATO _PAULO BASÍLIO _SUZANA LOPES _CLARA BONTEMPO
_SAMUEL PEREIRA**

Foto: Anita Smith

SOBRE OS AUTORES >

_PAULA GUIMARAES SIMOES>

Professora no PPGCOM/UFMG. Pesquisadora do GRIS

_VERA FRANÇA>

Professora do PPGCOM/UFMG. Pesquisadora do GRIS.

_ANA KARINA OLIVEIRA>

Doutora pelo PPGCOM/UFMG

_GÁUDIO BASSOLI>

Mestre pelo PPGCOM/UFMG. Bolsista de Apoio Técnico (FAPEMIG).

_LAURA LIMA>

Mestra pelo PPGCOM/UFMG. Bolsista de Apoio Técnico (FAPEMIG).

_LUCAS AFONSO SEPULVEDA>

Doutorando no PPGCOM/UFMG. Bolsista da CAPES.

_LÍVIA BARROSO>

Doutora pelo PPGCOM/UFMG. Professora da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará.

_MARIA LÚCIA AFONSO>

Mestra pelo PPGCOM/UFMG.

_MAÍRA LOBATO>

Mestra pelo PPGCOM/UFMG.

_PAULO BASÍLIO>

Mestre no PPGCOM/PUC-MG

_SUZANA LOPES>

Doutora pelo PPGCOM/UFMG.

_CLARA BONTEMPO>

Bolsista de Iniciação Científica (FAPEMIG).

_SAMUEL PEREIRA>

Bolsista de Iniciação Científica (CNPq).

RESUMO > RESUMEN > ABSTRACT >

A proposta do artigo é apreender autoras/es e teorias utilizadas/os como referência por pesquisadoras/es da subárea de Estudos de Jornalismo no Brasil. O corpus selecionado inclui 100 artigos da Compós no período de 2006 a 2015. Essa discussão específica faz parte de uma pesquisa mais ampla que busca identificar as teorias que alicerçam o Campo da Comunicação no país atualmente. A análise destaca aspectos que configuram uma Teoria do Jornalismo, assim como contribuições sobre linguagem, narrativa e relações sociais.

Palavras-chave: Epistemologia da Comunicação. Estudos de Jornalismo. Compós. Bibliometria. Mapeamento Teórico

El propósito de este artículo es aprehender autores y teorías utilizados como referencia por investigadores de la subárea de Estudios de Periodismo en Brasil. El corpus seleccionado incluye 100 artículos de Compós de 2006 a 2015. Esta discusión específica es parte de una investigación más amplia que busca identificar teorías contemporáneas que sostienen el campo de la comunicación en el país. El análisis resalta aspectos que configuran una teoría del periodismo, así como contribuciones sobre el lenguaje, la narrativa y las relaciones sociales.

Palabras clave: Epistemología de la comunicación. Estudios de periodismo. Compós. Bibliometría. Mapeo teórico.

The aim of this paper is to apprehend authors and theories used as references by researchers in the area of Journalism Studies in Brazil. The empirical corpus includes 100 articles from Compós during the period from 2006 to 2015. This specific discussion is a part of a broader research that seeks to identify the theories that currently underpin the field of Communication in the country. The analysis highlights aspects that configure a Theory of Journalism, as well as contributions on language, narrative and social relations.

Keywords: Epistemology of Communication. Journalism Studies. Compós. Bibliometry, Theoretical Mapping.

* Agradecemos à CAPES, ao CNPq e à FAPEMIG o apoio ao desenvolvimento de nossas pesquisas.

ESTUDOS DE JORNALISMO NO BRASIL: PANORAMA DOS TRABALHOS APRESENTADOS NOS ENCONTROS DA COMPÓS

INTRODUÇÃO

Compreender o panorama dos estudos de jornalismo no Brasil é um desafio que se coloca a pesquisadoras/es do Campo da Comunicação no país. Diferentes estudos já foram realizados em busca dessa compreensão, a partir de enfoques e objetivos variados. Quadros, Mielniczuk e Barbosa (2006), por exemplo, realizam uma pesquisa específica sobre jornalismo digital no Brasil, identificando pesquisadores, instituições e regiões de destaque nessa área. Silva e colaboradores/as (2017) analisam metodologias de pesquisa em jornalismo, a partir de um corpus de 100 dissertações defendidas junto ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina. Trabalhos que procuram apreender um quadro mais amplo dos estudos de jornalismo no Campo da Comunicação no Brasil ainda são necessários – e o presente artigo se situa entre tais esforços.

O objetivo aqui é identificar quais são os/as autores/as mais referenciados/as por pesquisadores/as de Jornalismo, bem como quais as principais perspectivas teóricas acionadas em sua compreensão. O texto apresenta parte

dos resultados de uma pesquisa mais ampla que busca mapear a rede de autores e conceitos que fundam o campo de estudos da comunicação no Brasil conforme suas subáreas temáticas — Comunicação e Política, Estudos de Televisão, Novas Mídias, entre outras. Tal mapeamento vem sendo feito a partir dos textos apresentados no evento anual da Compós (Associação dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação) em um período de dez anos (2006-2015)¹. Na área de Estudos de Jornalismo, o corpus de análise é composto por 100 textos coletados no GT homônimo nesse período.

METODOLOGIA E RESULTADOS QUANTITATIVOS

O desenho metodológico da pesquisa aplicado no mapeamento dessa e das outras áreas temáticas é apresentado em detalhe em texto específico (SIMÕES; FRANÇA et al, 2020). Numa primeira etapa, foi realizado levantamento bibliométrico por meio da raspagem² de dados dos 100 textos do corpus e análise quantitativa³ dessa coleta. De modo resumido, quantificamos os dados textuais, isto é, as referências (autores e suas obras) dos pesquisadores do GT no período. Também adicionamos variáveis ou camadas de classificação binária — nacionalidade (brasileiro/a ou estrangeiro/a), pertencimento ao GT (membro/não membro) e autorreferência (membro citando a si mesmo/a ou não) — e cruzamos esses dados.

Apresentamos a seguir alguns resultados quantitativos:

QUADRO 1: Autores referenciados (não contadas as autorreferências).

Número total de diferentes autores/as citados/as como referência	1.131
Número de autores brasileiros/as referenciados/as	530
Autores estrangeiros/as referenciados/as	601
Autores membros do GT	47
Autores não membros do GT	1.084

Fonte: Elaboração dos autores

O quadro a seguir apresenta os dez autores mais referenciados no período analisado: deste universo, temos uma pesquisadora brasileira e quatro brasileiros, cinco estrangeiros (três franceses, um português e um pesquisador de dupla nacionalidade – portuguesa e norte-americana). Nos casos de empate entre as

¹ Os textos foram coletados em formato PDF no site da instituição, onde são disponibilizados os anais dos encontros da Compós: <http://www.compos.org.br/anais.php>

² Essa extração de dados textuais foi realizada por meio de programação em código aberto (GNU General Public License) por Jônatas Renan C. Alves. O código desenvolvido pelo pesquisador colaborador está disponível em: <https://github.com/jonatasrenan/compos-data>. Aqui também registramos o agradecimento a ele.

³ A tabulação e cruzamentos dos dados foram feitos com os softwares Office Excel e Stata.

referências, o critério utilizado foi a quantidade de artigos diferentes que citam aquele/a autor/a, dado indicativo de uma maior influência do pensamento dentro do campo.

QUADRO 2:

Dez autores mais referenciados/as nos trabalhos da Compós – área Estudos de Jornalismo (2006-2015)

No	Nome	Frequência das referências	Brasileiro/a	Instituição dos autores/as
1	TRAQUINA, Nelson	33	Não	Universidade Nova de Lisboa
2	MACHADO, Elias	32	Sim	UFSC
3	MEDITSCH, Eduardo	19	Sim	UFSC
4	GENRO FILHO, Adelmo	18	Sim	UFSC
5	RICŒUR, Paul	18	Não	Sorbonne
6	BOURDIEU, Pierre	17	Não	Collège de France
7	CHARAUDEAU, Patrick	17	Não	Université Paris-Nord
8	BENETTI, Márcia	16	Sim	UFRGS
9	RODRIGUES, Adriano	16	Não	Universidade Nova de Lisboa
10	PALACIOS, Marcos	12	Sim	UFBA

Fonte: Elaboração dos autores

O quadro abaixo apresenta as obras mais citadas de cada autor/a, com a liderança do livro clássico de Genro Filho, grande influência na subárea analisada. Nas outras áreas temáticas investigadas, chegamos a dez obras mais referenciadas; no caso de Estudos de Jornalismo, apresentamos o ranking com 11 textos em virtude do empate entre quatro obras, conforme apresentamos abaixo.

QUADRO 3:

Onze textos mais referenciados nos trabalhos da Compós - área Estudos de Jornalismo (2006-2015)

O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo	GENRO FILHO, A.	18
Discurso das mídias	CHARAUDEAU, P.	14
Teorias do Jornalismo - vol. 2	TRAQUINA, N.	10
O jornalismo é uma forma de conhecimento?	MEDITSCH, E.	9
O acontecimento	RODRIGUES, A.D.	8
O estudo do jornalismo no século XX	TRAQUINA, N.	8
Teorias do Jornalismo - vol. 1	TRAQUINA, N.	8
Modelos de jornalismo digital	GONÇALVES, E.M.;	
PALACIOS, M.	5	
O conhecimento do jornalismo	MEDITSCH, E.	5
O jornalismo como acontecimento	BENETTI, M.	5
Sobre a televisão	BOURDIEU, P.	5

Fonte: Elaboração dos autores

Nas próximas seções, procuramos pormenorizar a análise qualitativa, apresentando uma breve leitura de como os/as autores/as do Quadro 2 são citados/as pelo GT no período e quais as obras mais referenciadas.

AUTORES/AS E PERSPECTIVAS CONVOCADAS

Nelson Traquina (1948-2019). Foi professor da Universidade Nova de Lisboa (Portugal). É referenciado 33 vezes, com oito obras citadas, em 25 textos diferentes, de 25 pesquisadores/as. O autor ocupa o primeiro lugar no ranking de teóricos mais citados neste GT. As obras mais citadas do autor são *Teorias do Jornalismo - Vol. 2* (2005), com dez citações; *O estudo do jornalismo no século XX* (2001). com oito; e *Teorias do Jornalismo - Vol. 1* (2004) também com oito menções.

Teorias do Jornalismo - Vol. 1 tem como questão central compreender por que as notícias são como são. O autor fala sobre o que é o jornalismo; sua trajetória histórica nas sociedades democráticas; o jornalismo como profissão; a questão ideológica no campo jornalístico; as diversas abordagens teóricas utilizadas para compreender o “fazer notícia”, bem como estudos empíricos realizados em vários países.

No volume 2, “A tribo jornalística: uma comunidade interpretativa transnacional”, o autor analisa a cultura profissional dos jornalistas, apontando uma autonomia relativa desses profissionais e o monopólio do saber instituído pela seleção e construção das notícias.

Em *O estudo do jornalismo no século XX*, Traquina aborda o conceito de agenda-setting; a questão da noticiabilidade; as notícias como uma construção e sua relação com os acontecimentos; o poder do jornalismo; a responsabilidade dos profissionais de jornalismo, entre outros. A obra também aborda as teorias presentes

nos estudos sobre as notícias ao longo do século XX e retoma autores clássicos como Paul Lazarsfeld, Maxwell McCombs, entre outros.

Elias Machado Gonçalves (1966-). Professor na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), é referenciado 32 vezes, com 20 obras citadas em 22 textos diferentes, de 19 pesquisadores. A obra mais citada do autor é em coautoria com Marcos Palácios: *Modelos de jornalismo digital* (2003), com cinco citações, seguida de *Jornalismo digital em base de dados* (2006), com quatro citações, e do artigo *Sistemas de circulação no ciberjornalismo* (2008), com três citações.

O livro *Modelos de jornalismo digital*, uma coletânea com diferentes autores, é dividido em duas partes: 1) Modelos teóricos e 2) Modelos de produção. Os artigos da primeira parte tratam da função da memória no jornalismo digital; de conceitos ligados ao jornalismo digital; dos modelos de gestão de empresas jornalísticas no ciberespaço; dos gêneros jornalísticos digitais e do webjornalismo; de web documentário. A segunda parte do livro traz diferentes estudos de caso sobre jornalismo regional, agências de notícia online do Brasil; radiojornalismo e sua migração para o suporte digital.

Para falar de um *Jornalismo digital em base de dados*, Machado parte da definição de base de dados formulada por Manovich (2001), que traz uma percepção mais ampla dessa tecnologia, considerada uma forma cultural simbólica da sociedade contemporânea.

No artigo *Sistemas de circulação no ciberjornalismo*, Machado discute os processos de distribuição e circulação das notícias na compreensão da complexidade do sistema jornalístico. Atentando para o contexto contemporâneo, o autor destaca que o desenvolvimento de sistemas autorregulados de gestão de informações têm uma importância central na sobrevivência de organizações jornalísticas e no atendimento de demandas sociais.

Eduardo Meditsch (1956-). Também professor da UFSC, recebeu 19 citações, com seis obras citadas, em 15 artigos, de 15 pesquisadores/as. Duas obras foram mais citadas: o artigo *O jornalismo é uma forma de conhecimento?* (1997), nove citações, e o livro *O conhecimento do jornalismo* (1992), cinco citações. Em ambos, Meditsch cita outro autor do ranking, Adelmo Genro Filho, que é sua base para desenvolver as reflexões teóricas sobre o campo.

O livro citado discute o jornalismo como atividade de conhecimento distinta da ciência e da técnica. Meditsch busca retomar a importância social do jornalismo, bem como a aproximação com o público, através do elo entre teoria e prática, formulando uma pedagogia inspirada em Paulo Freire. O autor concebe o jornalismo “como forma de conhecimento diferente daquela produzida pela Ciência” (MEDITSCH, 1992, p. 23), pois é uma forma social de conhecimento que não está baseada na universalidade, mas na singularidade.

O artigo *O jornalismo é uma forma de conhecimento?*, também sobre a temática do jornalismo como forma de produção de conhecimento, destaca o papel dos jornalistas na produção e reprodução de conhecimento da realidade.

Adelmo Genro Filho (1951-1988). Foi professor titular da UFSC e tem uma obra de referência no corpus analisado, citada 18 vezes, em 18 artigos, de 18 pesquisadores: *O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo*.

O objetivo da obra é pensar teoricamente o jornalismo “em suas misérias e grandezas” a partir da práxis jornalística, o que significa tomar a prática como ponto de partida, mas ultrapassar a imediaticidade / objetividade do fenômeno pela observação sob o viés de conhecimentos acumulados preliminarmente, construindo, a partir do objeto real, o objeto teórico. A obra faz uma leitura crítica de diversas tradições sob as quais o jornalismo veio sendo tratado – o funcionalismo, a Escola de Frankfurt, o “reducionismo ideológico” – e desenvolve sua própria abordagem, através do método dialético-materialista, inserindo a prática jornalística na realidade histórico-social e nas dinâmicas de produção e reprodução da vida social.

Genro Filho entende o jornalismo como “uma forma social de conhecimento [uma forma de conhecimento centrada no singular], historicamente condicionada pelo desenvolvimento do capitalismo, mas dotadas de potencialidades que ultrapassam a mera funcionalidade a esse modo de produção” (GENRO FILHO, 1987, p. 14)

Paul Ricœur (1913-2005). O filósofo francês teve 18 citações, que se referem a dez diferentes obras do autor, em dez textos de 11 pesquisadores diferentes. Sua obra mais citada é *Tempo e Narrativa* (2010), em três tomos: 1) A intriga e a narrativa histórica (quatro citações); 2) A configuração do tempo na narrativa da ficção (quatro); 3) O tempo narrado (duas).

“A intriga e a narrativa histórica” inaugura o argumento inicial de Ricœur sobre a relação entre narrativa e tempo: segundo o autor, “o tempo torna-se tempo humano na medida em que está articulado de modo narrativo; em compensação, a narrativa é significativa na medida em que esboça os traços da experiência temporal” (RICŒUR, 1994, p. 15). No tomo 2, Ricœur se volta para as construções fictícias, discutindo o conceito aristotélico de intriga e conectando-o com a noção de enredo e tempo narrativo. No tomo 3, Ricœur finaliza sua tese de que a reconfiguração da experiência temporal é consequência da configuração narrativa. Nessa sessão final, o autor discute como a aporia do tempo é trabalhada por uma poética da narrativa. Ele também se debruça sobre a epistemologia dos atos de narrar ficcionais e históricos, se propondo a “reduzir progressivamente o afastamento entre as intenções ontológicas respectivas da história e da ficção [...]” (RICŒUR, 1994, p. 11)

Pierre Bourdieu (1930-2002). O renomado sociólogo francês recebeu 17 citações: sete obras mencionadas em 12 artigos, de 13 pesquisadores. Três obras estiveram mais presentes nos trabalhos: *Sobre a televisão* (1997), com cinco citações, *O poder simbólico* (1989), com quatro, e *Coisas ditas* (1990), com três.

Em *Sobre a televisão*, o autor enfatiza a *opressão simbólica* exercida pelo meio, limitando o que é transmitido nos programas televisivos, sobretudo os jornalísticos, que poderiam funcionar como “um extraordinário instrumento de democracia” – o que não acontece. Bourdieu destaca o poder de manipulação das informações, tendo a televisão “uma censura invisível”, em que as condições da co

municação e da informação são impostas de diversas maneiras, seja nas dinâmicas de produção, na seleção do que é televisionado ou não, no trabalho do jornalista ou no contato com os públicos.

O poder simbólico discute o papel do sistema simbólico na manutenção das relações de dominação, ou seja, como a arte, a língua, a religião – *estruturas estruturadas* que atuam como estruturas estruturantes (capazes de atuar sobre as práticas) – podem trazer um *sentido imediato do mundo*, em particular, o do mundo social, e com isto ajudar a conformá-lo em função do interesse das classes dominantes. Bourdieu defende que as produções simbólicas são instrumentos de dominação: as classes dominantes, que têm seu poder fundado no poder econômico, impõem a legitimidade da sua dominação através da produção simbólica — sendo a mídia integrante dessa produção.

Em *Coisas ditas*, Bourdieu discute o papel da sociologia e do sociólogo nas pesquisas e na compreensão do mundo, analisando seu papel de pesquisador, assim como de outros pensadores (Marx, Weber, Saussure, Lévi-Strauss). Discute, ainda, o conceito de habitus, a sociologia da religião e a noção de *campo intelectual*. Além disso, traz uma discussão sobre os campos que constituem a sociedade — o político, o religioso, o econômico, o esportivo, entre outros.

Patrick Charaudeau (1939-). Linguista francês e fundador do Centre d'Analyse du Discours, foi citado 17 vezes em 15 artigos de 18 pesquisadores. Três livros são citados no período analisado, sendo *Discurso das mídias* (2013) a mais citada, com 14 citações. As duas outras obras receberam apenas uma e duas citações.

No livro, Charaudeau faz uma distinção entre informação (ligada ao fenômeno da linguagem) e comunicação (vinculada à necessidade humana de se relacionar uns com os outros). Ele destaca que a linguagem não é algo transparente e desprovido de significado, mas se liga a uma visão de mundo que a sustenta. A linguagem seria um complexo sistema de signos e valores que são postos em marcha em uma comunicação, produzindo um discurso.

Nessa abordagem, a mídia (ou *máquina midiática*) aparece como um suporte organizacional que toma emprestado as noções de informação e comunicação a partir de outras lógicas, que seriam econômica (fazer viver uma empresa), tecnológica (estender a qualidade e a quantidade de sua difusão) e simbólica (servir à democracia cidadã). O foco do autor reside nesta última, a lógica simbólica, que, para ele, é aquela que rege as demais. Para Charaudeau, a *máquina midiática* desempenha um papel agregador na sociedade moderna, ao atuar na construção da opinião pública em torno dos acontecimentos do mundo. Nessa obra, o autor dialoga com dois outros autores que também compõem o ranking de mais citados: Pierre Bourdieu e Paul Ricoeur.

Marcia Benetti, professora na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), tem dez diferentes obras citadas (dentre as quais três são as mais citadas) e foi referenciada 16 vezes, por 16 pesquisadores, em 14 artigos. As três mais citadas foram *O jornalismo como acontecimento* (2010), com cinco citações, *A ironia como estratégia discursiva da revista Veja* (2007) e *Análise do Discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos* (2007), com duas citações cada.

No artigo *O jornalismo como acontecimento*, ela diferencia dois tipos de acontecimento, o jornalístico e o discursivo, e dialoga com autores como Alsina, Foucault, Hall, Sodré, Quéré e Charaudeau para apresentar

o acontecimento jornalístico e sua distinção do fato bruto. Ela discute o movimento circular que marca a dinâmica de produção da notícia, evidenciando o papel dos/as jornalistas nesse processo. Além disso, ela atenta para o lugar dos acontecimentos na experiência humana, afetada tanto pelo acontecimento em si como pela notícia.

No artigo *A ironia como estratégia discursiva da revista Veja*, Benetti parte de uma reflexão sobre o jornalismo como lugar de produção e circulação de sentidos, que atende a regras e rotinas particulares. A ironia é tratada como recurso linguístico que funciona de maneira dialógica, baseado na suposição de um conhecimento prévio de um conteúdo por parte do interlocutor e demandando seu posicionamento para que o sentido conotado seja completo.

Análise do discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos é um capítulo do livro *Metodologia de pesquisa em Jornalismo*, organizado por Benetti e Cláudia Lago. O capítulo trata do uso do método da Análise do Discurso francesa e destaca dois movimentos de análise no caso do texto jornalístico: a identificação dos sentidos e o mapeamento de vozes. O primeiro implica a compreensão do jornalismo como um texto de duas camadas: a discursiva (que é visível e constituída pelo próprio texto) e a ideológica (que constitui e é constituída por um processo invisível e complexo que se dá na cultura, na sociedade e no imaginário). O segundo movimento de análise trata da polifonia que constrói o discurso jornalístico – as vozes da fonte, do jornalista que assina o texto e da instituição a que esse jornalista é vinculado.

Adriano Duarte Rodrigues (1942-). Pesquisador português da área da comunicação, foi referenciado 16 vezes, com oito obras citadas em 13 artigos de 12 pesquisadores. Entre as obras, dois capítulos de livros se destacam: *O acontecimento* (1993), com oito menções, e *Experiência, modernidade e campo dos media* (2000), com duas. As demais obras aparecem com uma referência cada.

No primeiro texto, Rodrigues apresenta o acontecimento como ponto de partida do jornalismo, afirmando que seu potencial para ser considerado digno de notoriedade é inversamente proporcional ao seu grau de previsibilidade e probabilidade. Ele enumera três tipos de “registro de notabilidade” que fazem com que determinados fatos se tornem acontecimentos jornalísticos: *o excesso, a falha, e a inversão*. Para o autor, o discurso jornalístico não só enquadra e regula os acontecimentos, como produz meta-acontecimentos, que emergem a partir e em função dos dispositivos de informação. Além disso, Rodrigues discute as estratégias de credibilidade normatizadas pelo discurso jornalístico, distinguindo-a de uma pretensa objetividade jornalística.

Em *Experiência, modernidade e campo dos media* Rodrigues parte de uma ampla categorização e classificação dos conceitos de experiência e de campos sociais para introduzir a abordagem específica do campo dos media, apresentado como um campo autonomizado e especializado na regulação da publicidade⁴ tanto interna como de outros campos sociais. Para o autor, o campo substitui mecanismos de condução e repressão física pelo convencimento através da retórica, e condiciona o próprio modo de apreensão e experiência do mundo a partir da gestão dos dispositivos de percepção. Rodrigues também destaca as características que

4 Rodrigues (2000) faz uma distinção entre espaço público (espaços físicos de propriedade e uso públicos), esfera pública (esfera das ações e discursos exercidos por todos) e dimensão pública (relação de interface de cada campo social com os demais campos sociais).

distinguem o discurso midiático de outros discursos, relativas às regras da enunciação e ao “jogo retórico ou de figuração do discurso” (RODRIGUES, 2000, p. 208), que diz da apropriação e ressignificação de termos específicos de outros domínios da experiência por um processo de metaforização.

Entre os demais autores do *ranking*, Rodrigues cita apenas Pierre Bourdieu e seu conceito de *habitus*.

Marcos Palacios (1949-). Professor titular da Universidade Federal da Bahia (UFBA), foi citado 12 vezes, em oito artigos de sete autores diferentes. Suas produções mais referenciadas são *Modelos de jornalismo digital* (2003), com cinco citações, e *Ciberperiodismo: métodos de investigación* (2009), com três citações, obras coletivas organizadas por Palacios contendo o trabalho de grupos e redes de pesquisa lideradas pelo pesquisador.

Em *Modelos de jornalismo digital*, Marcos Palacios é coorganizador junto com Elias Machado Gonçalves e assina o primeiro capítulo da obra, que trata das características e especificidades do jornalismo online ou jornalismo na web. Nesse texto, ele apresenta as múltiplas potencialidades de recursos que a Internet oferece à produção e circulação jornalísticas, em alguns casos pouco explorados pelos sites jornalísticos. Palacios destaca especialmente os recursos que possibilitam o registro da memória, fazendo uma comparação de como esses registros são utilizados em sites jornalísticos no Brasil e em Portugal.

Já a obra *Ciberperiodismo: métodos de investigación*, organizada por Marcos Palacios e Javier Díaz Noci, apresenta a produção de pesquisadores participantes de uma rede de pesquisa sobre o jornalismo na Internet no Brasil e na Espanha. Os capítulos abordam os tipos de cibermeios, os gêneros do ciberjornalismo, a arquitetura da informação de sites, metodologias de pesquisa na área, a narratividade, aspectos da rotina jornalística e da convergência no jornalismo, além do ensino do ciberjornalismo para as novas gerações.

LEITURA DOS AUTORES PELOS TEXTOS DA ÁREA TEMÁTICA

Nelson Traquina é lido por 25 pesquisadores, de 16 instituições: PUC-MG (1); PUC-RJ (1); PUC-RS (2); PUC-SP (1); UAM (1); UFBA (2); UFF (1); UFMS (1); UFOP (1); UFPE (1); UFRGS (4); UFRJ (2); UFSM (1); UnB (2); UNESP (1); UNISINOS (3).

Em relação à maneira como o autor é citado nos artigos analisados, observamos que as temáticas que mais aparecem dizem respeito à questão da cultura profissional e das rotinas de trabalho no jornalismo, à profissionalização do jornalista, bem como seu papel na sociedade, sua identidade e seu ethos profissional. Outra temática relevante é a relação entre notícia e construção da realidade social. Além disso, o autor também é convocado para discutir critérios de noticiabilidade, valores-notícia e processos de produção da notícia. Os conceitos de *agenda-setting*, de acontecimento jornalístico, a relação entre notícias e acontecimentos também aparecem nos artigos analisados. Já as discussões sobre *newsmaking*, *gatekeeper* e teoria do espelho aparecem de maneira mais pontual nas citações dos pesquisadores.

Elias Machado Gonçalves é referenciado por 19 pesquisadores, que se distribuem em oito instituições: CASPER-LÍBERO (1); UFBA (5); UFPE (3); UFRGS (2); UFRJ (2); UFS (1); UNISINOS (3); USP (2).

O pesquisador é acionado para tratar do jornalismo digital, da diferenciação entre circulação e distribuição de conteúdos, bem como de um sistema descentralizado de distribuição no ciberjornalismo. Ele também desenvolve reflexões sobre a relação entre o jornalismo e as bases de dados, sendo apresentado como precursor dessa discussão no Brasil.

Eduardo Meditsch é citado por 15 pesquisadores de 11 instituições: PUC-RS (1); PUC-SP (1); UFBA (1); UFF (1); UFMS (1); UFPE (2); UFRGS (2); UFRJ (2); UFS (1); UFSM (1); UNISINOS (2).

A maior parte dos artigos cita Meditsch como ponto de partida, estado da arte de referência ao falar sobre teoria do jornalismo, focando na prática jornalística como produtora de conhecimento social, que se distingue de outras formas de conhecimento, como a ciência e o senso comum. Alguns também exploram a relação intersubjetiva do jornalismo que produz a realidade, mas é afetado por ela e citam a relação entre o jornalismo e o conceito de acontecimento.

Adelmo Genro Filho é referenciado por 19 pesquisadores, de 14 instituições diferentes: UFRGS (3), Unisinos (4), UFPE (2), UFMS (1), UFF (1), UFBA (1), UFSC (1), UFOP (2), PUC-SP (1), UFRJ (1), Universidade Tuiuti do Paraná (1), UFSE (1), UFSM (1), PUC-RS (1).⁵

Paul Ricœur, no período analisado, foi referenciado por 11 autores de sete instituições: UFF (4), UFOP (2), Unisinos (1), UnB (1), UFSM (1), UFRJ (1), UFRGS (1).

Ricœur é convocado para falar dos aspectos temporais da narrativa ou dos constrangimentos simbólicos da representação e do ato de narrar no texto jornalístico. Ele é a referência que ajuda a olhar as meta-narrativas dos jornais que falam sobre a própria história do jornalismo; para pensar a materialidade que a linguagem dá à experiência do tempo; para olhar o movimento da narrativa jornalística buscando legitimar a objetividade de sua representação. A reflexão do filósofo aparece ainda trazendo o fundamento epistemológico das pesquisas que lidam com narrativas. Ricœur, portanto, aciona dois movimentos nos dez artigos em que foram citados: trazer uma epistemologia e um método para a análise das narrativas jornalísticas; e refletir sobre as implicações éticas e políticas do ato de narrar.

Pierre Bourdieu é citado por 13 autores de 8 instituições de ensino: Unisinos (1), UFS (1), PUC/RS (1), Universidade Anhembi Morumbi/SP (1), UFF (3), UnB (3), UFPE (2) e UFOP (1).

O autor é convocado principalmente a partir de seu conceito de “campo”, para falar do campo do jornalismo, seus usos e efeitos no cotidiano, seu papel nas relações de poder e na configuração da vida social. Ele também é uma referência para tratar dos impactos do jornalismo no campo histórico.

Patrick Charaudeau é citado por 18 pesquisadores que se distribuem entre oito instituições: Unisinos (5), UFMG (4), UFRGS (3), UFSM (2), UNEB (1), UFBA (1), UFF (1) e UFMS (1).

Os pesquisadores brasileiros geralmente acionam a teoria de Charaudeau para explicar o funcionamento dos media, acionando os conceitos de acontecimento e contrato comunicativo. A teoria do autor também serve de aparato metodológico para a maioria dos pesquisadores que o citam.

⁵ Um dos pesquisadores transitou entre Unisinos, UFOP e Universidade Tuiuti do Paraná no período analisado.

Marcia Benetti foi referenciada por 16 pesquisadores, que se distribuem em nove instituições: PUC-MG (1); UAM (1); UFF (3); UFMG (2); UFOP (1); UFRJ (2); UFSC (1); UFSM (1); UNISINOS (4).

Benetti é acionada frequentemente para tratar o jornalismo como acontecimento e discutir as características e especificidades do acontecimento jornalístico. As contribuições da autora também são resgatadas para tematizar a produção de sentido no jornalismo e o uso da ironia nos textos jornalísticos.

Adriano Duarte Rodrigues é referenciado por 12 pesquisadores/as, de seis instituições: UFRGS (4); Unisinos (4); PUC-MG (1), PUC-RJ (1), PUC-SP(1) e USP (1).

Foram identificados dois principais eixos da influência do autor. O primeiro é em torno do conceito de acontecimento enquanto quebra da normalidade; ele também se torna referência para falar dos critérios de notabilidade e formas de enquadramento. O segundo eixo é constituído pela abordagem do jornalismo como campo social autônomo e institucionalizado, com regras, modos de funcionamento e discurso próprios. Nesse sentido, o autor também embasa o argumento de que o jornalismo não só relata a realidade, mas a organiza a partir de critérios próprios de normalidade, previsibilidade e relevância. De modo mais pontual, Rodrigues é citado, ainda, na abordagem de conceitos como memória, testemunho e dispositivo, todos relacionados aos processos de produção de sentidos pelo jornalismo.

Marcos Palacios é citado por onze autores de sete instituições: UNISINOS (3); UFBA (2); UFRJ (2); UFPE (1); UFRGS (1); UFS (1); UFSC (1).

A maioria dos trabalhos que o citam tratam do jornalismo digital ou jornalismo na Internet, tomando-o como referência para caracterizar as especificidades e potencialidades do jornalismo no ambiente virtual, sua linguagem, sua circulação na rede digital, bem como sua configuração como objeto de estudo na contemporaneidade. Palacios é citado para destacar a hipertextualidade, a instantaneidade, a multimídia e a interatividade do jornalismo na Internet. Seus trabalhos também são retomados para discutir a questão da memória em bancos de dados jornalísticos possibilitada pela web e para adotar suas orientações metodológicas para o estudo do jornalismo online.

REFLEXÕES FINAIS

Finalizando o percurso, apresentamos algumas breves considerações. A primeira delas é sobre a origem dos dez autores mais citados: foram cinco brasileiros, numa proporção de 50%. Este percentual é o mesmo encontrado nas subáreas Comunicação e Política (FRANÇA; SIMÕES Et. al., 2018) e Estudos de Televisão (SIMÕES; FRANÇA et al, 2019a). Até o momento, apenas na subárea Novas Mídias (SIMÕES; FRANÇA et al, 2019b) encontramos uma proporção distinta, com quase cinco vezes mais referências estrangeiras do que brasileiras. É um bom resultado, indicando que a área de Jornalismo está constituindo suas próprias fontes de referência.

Sobre os autores brasileiros aqui identificados, vale registrar que quatro são do sul do país, sendo três da UFSC – o que mostra uma ênfase regional junto aos pesquisadores do GT de Jornalismo nos Encontros da Compós. Quanto aos estrangeiros, acompanhando também a tendência percebida nas outras subáreas,

percebe-se o predomínio de autores europeus (franceses e portugueses), e a ausência (entre os mais citados) de norte-americanos e ingleses.

A contribuição dos brasileiros – assim como a obra de Traquina – situa-se basicamente no terreno de uma Teoria do Jornalismo: o jornalismo com forma de conhecimento, a produção da notícia, o acontecimento, a inter-relação jornalismo e sociedade, registrando ainda uma ênfase no ciber ou webjornalismo.

No que tange a essa última temática de estudos, Elias Machado e Marcos Palácios são considerados pioneiros no Brasil. Em levantamento cuja publicação data do ano inicial de nosso recorte temporal, Quadros, Mielniczuk e Barbosa (2006) apontam o lugar de Machado e Palácios na liderança da região Nordeste – ou cluster de instituições – na produção científica sobre jornalismo digital. Observamos, portanto, que esse pioneirismo encontra eco no âmbito da Compós, sendo reconhecido pelos pares de diversas instituições, mais proeminentemente das regiões Nordeste e Sul.

Os demais autores trazem uma abordagem teórica mais abrangente, de cunho filosófico, político, linguístico. Ricœur traz a perspectiva do tempo e narrativa; Charaudeau trabalha a linguagem e a lógica simbólica; Rodrigues fala do acontecimento a partir da discussão da experiência. Tanto Rodrigues como Bourdieu discutem o conceito de “campo”, apropriado nos artigos para falar do campo do jornalismo. A perspectiva política e a lógica da dominação são evocadas através do trabalho de Bourdieu – um autor que, por sinal, aparece também entre os dez mais citados em três subáreas já estudadas em nosso projeto. Seu enfoque encontra ecos na relação entre jornalismo e classe social, jornalismo e poder, conforme abordagens desenvolvidas por Genro Filho e Meditsch.

Assim, e ao lado da evidente ênfase sobre a especificidade do jornalismo, encontramos duas linhas de abordagem: linguagem e inserção social. Se considerarmos várias outras possibilidades e aspectos relacionados aos estudos do jornalismo (questões relacionadas à profissão e mercado de trabalho, a relação com outras práticas comunicativas, o jornalismo em diferentes mídias, entre outras), essas duas ênfases indicam uma perspectiva que privilegia as relações entre jornalismo/sociedade/cultura. A natureza simbólica do jornalismo enquanto linguagem e sua inserção nas relações de poder sinalizam uma preocupação com a especificidade dessa prática, mas também seu papel na sociedade.

O quadro identificado permitiria várias outras leituras e sugere possibilidades de desdobramentos como, por exemplo, uma comparação com as referências teóricas apresentadas em outros eventos sobre Jornalismo. No âmbito de nossa pesquisa, e como etapa conclusiva, buscaremos fazer uma análise das interseções e lacunas entre as linhas teóricas destacadas pelas diferentes áreas temáticas (subáreas tratadas nos demais GTs da Compós), bem como o diálogo com as questões epistemológicas mais amplas que orientam nosso problema de pesquisa. Estes, porém, serão outros trabalhos. Nos limites deste espaço, esperamos contribuir com os pesquisadores desta área ao devolver-lhes, de forma sintética, o mapa de suas próprias reflexões.

REFERÊNCIAS

Estudos de jornalismo no Brasil: panorama dos trabalhos apresentados nos encontros da COMPÓS

Paula Simoes, Vera França, Ana Oliveira, Gáudio Bassoli, Laura Lima, Lucas Sepulveda, Livia Barroso, Maria Afonso, Maíra Lobato, Paulo Basílio, Suzana Lopes, Clara Bontempo, Samuel Pereira

BENETTI, M. O jornalismo como acontecimento. In: BENETTI, M.; FONSECA, V. P. S. (Org.). *Jornalismo e acontecimento: mapeamentos críticos*. Florianópolis: Insular, 2010. p. 143-164.

_____. A ironia como estratégia discursiva da revista *Veja*. In: COMPÓS, 16., 2007, Curitiba. *Anais do XVI Encontro Anual da Compós*. Curitiba: Compós, 2007. p. 1-10.

_____. Análise do Discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos. In: LAGO, C.; BENETTI, M. (Org.). *Metodologia de Pesquisa em Jornalismo*. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 107-122.

BOURDIEU, P. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

_____. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

CHARAUDEAU, P. *Discurso das mídias*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

FRANÇA, V.; SIMÕES, P. et al. Comunicação e política: mapeando autores/as e teorias mobilizados no Brasil. *Compólitica*, v. 8, n. 2, p. 5-40, 2018.

GENRO FILHO, A. *O segredo da pirâmide*. Porto Alegre: Tchê, 1987.

MACHADO, E. *Jornalismo digital em base de dados*. Florianópolis: Calandra, 2006.

_____. Sistemas de circulação no ciberjornalismo. *Eco-Pós*, Rio de Janeiro, v. 12, p. 23-35, 2008.

MEDITSCH, E. *O conhecimento do jornalismo*. Florianópolis: UFSC, 1992.

MEDITSCH, E. O jornalismo é uma forma de conhecimento? *Biblioteca Online de Ciências da Comunicação*. 1997. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-jornalismoconhecimento.html>>. Acesso em: 10 jan. 2019.

PALÁCIOS, M.; MACHADO, E. (Orgs.). *Modelos de jornalismo digital*. Salvador: GJOL, Calandra, 2003.

PALÁCIOS, M.; NOCI, J. D. (Orgs.). *Ciberperiodismo: métodos de Investigación*. Bilbao: Servicio Editorial de la Universidad del País Vasco, 2009.

Estudos de jornalismo no Brasil: panorama dos trabalhos apresentados nos encontros da COMPÓS

Paula Simoes, Vera França, Ana Oliveira, Gáudio Bassoli, Laura Lima, Lucas Sepulveda, Livia Barroso, Maria Afonso, Maíra Lobato, Paulo Basílio, Suzana Lopes, Clara Bontempo, Samuel Pereira

QUADROS, C.; MIELNICZUK, L.; BARBOSA, S. Estudos sobre jornalismo digital no Brasil. E-Compós, Brasília, v. 7, 2006.

RODRIGUES, A. D. Experiência, modernidade e campo dos media. In: SANTANA, R. N. M (Org.). Reflexões sobre o mundo contemporâneo. Rio de Janeiro: Revan, 2000. p. 169-215.

RODRIGUES, A. D. O acontecimento. In: TRAQUINA, N. (Org.). Jornalismo: questões, teorias e estórias. Lisboa: Vega, 1993. p. 27-33.

RICCEUR, P. Tempo e narrativa. Tomo I. Campinas: Papirus, 1994.

_____. Tempo e narrativa. Tomo II. Campinas: Papirus, 1995.

_____. Tempo e narrativa. Tomo III. Campinas: Papirus, 1997.

SILVA, G.; CARVALHO, E. S.; ASSIS, I. P.; BARCELOS, M.. Metodologias de pesquisa em jornalismo: 100 dissertações do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC. Estudos em Jornalismo e Mídia, Florianópolis, v. 14, n. 2, 2017, p. 89-100-100.

SIMÕES, P.; FRANÇA, V. et al. Estudos de Televisão no Brasil: uma abordagem de autores/as e teorias. Contemporanea, Salvador, v. 17, n. 2, p. 190-213, 2019a.

_____. Mapeando os Estudos de Novas Mídias no Brasil. Eco-Pós, Rio de Janeiro, v. 22, n. 3, p. 231-258, 2019b.

_____. Mapeando o Campo da Comunicação no Brasil: desafios e descobertas metodológicas de uma meta-pesquisa. Intexto, Porto Alegre, n. 49, p. 56-71, maio/ago. 2020.

TRAQUINA, N. O estudo do jornalismo no século XX. São Leopoldo: Unisinos, 2001.

_____. Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2004.

_____. Teorias do jornalismo: a tribo jornalística, uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005.